

## **CULTURA E INTERNACIONALIZAÇÃO - JOVENS BRASILEIROS QUE VÃO RESIDIR NOS EUA**

Aline Maria Thomé Arruda

Esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise dos fluxos e interações no mundo globalizado influenciando na cultura dos países através de um estudo sobre jovens brasileiros que vão aos EUA em busca do aumento de seu capital simbólico, por meio dos programas de intercâmbio cultural. São enfocadas as alterações que isso traz para sua identidade e sua convivência em sociedade.

Após a contextualização teórica do tema cultura no âmbito das Relações Internacionais e da apresentação da metodologia interpretativista, utilizada na confecção dessa pesquisa, será explicado como funciona o programa de intercâmbio para jovens em *High School*. Por fim, será apresentado o estudo de caso de adolescentes brasileiros que partem rumo aos Estados Unidos para concluir o ensino médio enfocando quais motivos os levaram a se submeter a essa experiência, o que aconteceu durante a sua estadia e quais as conseqüências após o retorno ao Brasil. A conclusão finaliza o trabalho apontando a relevância do estudo do tema para as Relações Internacionais.

Os motivos que me levaram a optar por esse tema de pesquisa foi, primeiramente, o interesse por abordar questões relativas à cultura e identidade no âmbito das Relações Internacionais. Em meio à cada vez mais intensas relações entre diferentes povos e nações com o aumento dos fluxos de pessoas no mundo, é possível perceber que existe uma face humana na globalização. Não são apenas máquinas, dinheiro e informações trocadas, as pessoas se deslocam por todo mundo muito mais intensamente, por isso me ative às migrações.

Inicialmente fiz leituras intensas de trabalhos antropológicos sobre brasileiros que migram para os Estados Unidos que, em princípio me interessaram bastante, porém não foi possível fazer uma pesquisa

Universitas - Relações Int., Brasília, v. 2, n.1, p. 201-217, jan./jun. 2004

sobre esse tema dado que seria inviável<sup>1</sup> entrevistar esses migrantes nos Estados Unidos. Me atentei, então, para um outro campo, o de estudantes que partem para outros países por meio dos chamados “programas de intercâmbio cultural” e ficam por um período limitado residindo nesses países retornando, em seguida, ao Brasil. Uma espécie de migração temporária, porém não menos significativa tanto pelos motivos que levam esses jovens a se submeterem a essa experiência quanto pelas conseqüências que isto pode trazer para sua identidade e para a cultura do Brasil.

Foram realizadas oito entrevistas com estudantes brasileiros que se submeteram ao programa de intercâmbio; entrevista com diplomata pertencente ao Departamento de Assuntos Consulares do Itamaraty, bem como acompanhamento de algumas de suas atividades; consultas a *web sites* de agências de intercâmbio brasileiras e internacionais; consultas a manuais de programas de intercâmbio e de assistência a brasileiros no exterior; consultas bibliográficas.

### **Cultura e civilização como conceitos relevantes nas relações internacionais**

No âmbito da Teoria das Relações Internacionais, no tocante ao tema cultura, encontramos uma notável deficiência de trabalhos que abordem a questão como elemento relevante nas relações entre nações. A obra mais conhecida que utiliza o elemento cultural como foco de análise é “O Choque das Civilizações” de Samuel P. Huntington .

Huntington<sup>2</sup> discute que o “choque das civilizações” advirá do conflito entre a “Civilização Ocidental Cristã” e a “Civilização Ortodoxa Cristã e Islâmica”. Ele apresenta a questão cultural e de identidade, principalmente no que diz respeito à religião, como fator preponderante desses futuros conflitos na busca de poder no mundo.

A argumentação se baseia na identificação das diversas civilizações “construídas” no mundo através da História. A concepção

---

<sup>1</sup> Inevitável para o tipo de pesquisa que me propus a fazer, baseada na metodologia interpretativista.

<sup>2</sup> HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations?* , in: Foreign Affairs-summer 1993 .p.19

e delimitação do mundo como se fosse dividido em “Civilização Ocidental Cristã” *versus* “Civilização Ortodoxa Cristã e Islâmica” proposta por Huntington envolve um conceito de cultura como algo independente das mobilidades de pessoas e interações no mundo. É como se a cultura fosse algo puro e imóvel e que não houvesse elementos passíveis de ser incorporados em diferentes contextos. Trata-se, de acordo com Hannerz<sup>3</sup>, de um conceito de cultura estático.

Dado que minha pesquisa se refere à fluxos de pessoas e as interações culturais, a teoria huntingtoniana não foi capaz de solucionar a minha dúvida de pesquisa.

Este capítulo é uma tentativa de rever a construção do saber anteriormente anunciado acerca das culturas, partindo de um ponto de vista, de acordo com o qual, a noção de cultura é vista como uma rede de significados. Este conceito possui raízes no interpretativismo, de Max Weber. Parte-se do pressuposto de que, sendo as Relações Internacionais parte integrante do campo das Ciências Sociais, não busca realizar investigações que encontre verdades.

Utilizarei, também, do raciocínio de Clifford Geertz, outro grande expoente da corrente interpretativista. Citando Gilbert Ryle<sup>4</sup>, Geertz explica a necessidade de se fazer uma descrição densa de determinada ação social para que assim ela possa condizer com a realidade. No fazer da teoria social, há uma necessidade inevitável de se recorrer ao agente da ação, para buscar nele, em suas palavras, o sentido daquilo que, para ele, se configura na motivação de sua ação.

Do ponto de vista interpretativista, quando ocorre o encontro de duas diferentes culturas, o resultado não é apenas um choque de civilizações, conforme o definido por Huntington, ocorre também trocas culturais.

Ainda seguindo a mesma linha, adentramos o pensamento de Ulf Hannerz, autor sueco que efetivamente trata da questão da

---

<sup>3</sup>HANNERZ, Ulf. *Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras chave de Antropologia Transnacional*. In Revista Mana: Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, 1997. p. 9-11

<sup>4</sup> Apud GEERTZ, Clifford. *Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura*, in : *A Interpretação das Culturas/ Clifford Geertz* – Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC, 1989.p. 15)

Globalização como influente nos fluxos de pessoas pelo mundo, enfocando a questão da cultura/ identidade. O autor fala a respeito da importância da questão cultural nesse processo e traz um conceito de cultura que melhor explica o que ocorre nos países em tempos em que seus nacionais vêm e vão, levando consigo sua cultura e trazendo uma cultura híbrida.

"Cultura é algo que as pessoas herdaram, usam transformam, adicionam e transmitem."<sup>5</sup>

Os brasileiros que têm contato com os americanos percebem a diferença identitária. Entretanto, esta diferença não é impeditiva da influência cultural. Ela é recíproca. Apesar disso, os americanos continuam se vendo como americanos e os brasileiros como brasileiros, dentro e fora de suas comunidades.

Entretanto, é correto afirmar que os jovens que voltam do intercâmbio, muitas vezes, adquirem alguns hábitos diferenciados daqueles que nunca passaram por uma temporada fora do Brasil. Tais hábitos são percebidos como semelhantes aos dos americanos. Porém, estes são adaptados à realidade e cultura brasileira. Não existe, assim, uma "contaminação" americana porque a cultura brasileira totalmente delimitada e pura não existe. Ela é um produto do hibridismo e está ideologicamente aberta ao contato. Um ponto interessante é o fato de esses jovens se autoperceberem e serem percebidos como uma espécie de híbridos<sup>6</sup>.

### **O aumento do fluxo de pessoas e emigrações no Brasil, maneiras que isso se dá e mudanças do governo para atender as demandas**

O Brasil por muitos anos foi um país que apresentou característica muito mais imigrantista do que emigrantista, porém o que se observa hoje é a inversão desse quadro<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> BATH apud HANNERZ op. cit. p.12

<sup>6</sup> HANNERZ, idem p. 24- 29

<sup>7</sup> CAVARZERE, Thelma Thaís. *Direito Internacional da Pessoa Humana: a circulação internacional de pessoas*. 2ª edição –Rio de Janeiro: Renovar, 2001. p.39

Acompanhando a tendência da globalização e do aumento dos fluxos de pessoas, notou-se um grande aumento das migrações de brasileiros para o exterior a partir dos anos 90. Em 1990, o número de brasileiros registrados no exterior era de cerca 250.000, em 2002 esse número subiu para aproximadamente 2.000.000.<sup>8</sup> Dados do Ministério das Relações Exteriores referentes ao ano de 2001<sup>9</sup> demonstram que aproximadamente 799.203 brasileiros, em situação regular ou não, vivem nos Estados Unidos. Isso representa, aproximadamente, 41% dos emigrantes do país.

No tocante aos casos de migrações de brasileiros para os Estados Unidos, percebemos que no início dos anos 90, após as crises, o perfil era de pessoas de classes mais baixas em busca de novas oportunidades de emprego e, principalmente, de uma melhor remuneração. Para esse grupo, era mais interessante exercer funções com pouca necessidade de especialização (empregadas domésticas, motoristas, cozinheiros, garçons) nos EUA e receber em "dólar" do que permanecer no Brasil, onde as condições de trabalho são consideradas inferiores.

Atualmente, o perfil é o mais diversificado possível. Pessoas das mais diversas classes e com os mais variados objetivos saem do Brasil e vão para os Estados Unidos. Trata-se de estudantes de pós-graduação, alunos concluintes do ensino médio, profissionais em busca de novas perspectivas, profissionais pouco qualificados, dentre vários outros.

Esse crescimento gerou também mudanças por parte do Governo brasileiro, no sentido de atender com muito mais intensidade os brasileiros no exterior. Essas pessoas quando vão residir, ou até mesmo passar uma temporada, no exterior, demandam serviços de responsabilidade do Governo. Casos mais complexos como prisões e mortes ou até questões rotineiras como casamentos e registros de

---

<sup>8</sup> Esse breve histórico é baseado em uma entrevista concedida pelo Secretário Pedro Garcia em 14/02/03. Com 14 anos de experiência na área Consular do MRE, ele ministra aulas no Instituto Rio Branco e em cursos direcionados a funcionários do Itamaraty que serão removidos ao exterior.

<sup>9</sup> Disponíveis em <http://www.mre.gov.br/faq/a98%20-%20brasileiros.doc>. Em 08/05/03

crianças, ocasionando a necessidade da prestação desses serviços no lugar ou nas proximidades onde se encontram.

Pode-se citar muito sucintamente, três grandes mudanças do sistema consular brasileiro. Foram elas: o deslocamento de Consulados para cidades com grandes concentrações de brasileiros no mundo <sup>10</sup>; nova rede para agilizar os procedimentos : Sistema Integrado de Assistência Consular(SIAC) que facilita a comunicação entre a sede do MRE e todos os Consulados brasileiros espalhados pelo mundo; Criação de “Consulados Itinerantes” para atender periodicamente cidades que possuem menores concentrações de brasileiros.

O programa de intercâmbio cultural consiste na ida de jovens para outros países com o objetivo de cursar parte do ensino médio brasileiro em uma *High School*, equivalente. O objetivo principal é adquirir uma experiência no exterior e ter a oportunidade de conviver e conhecer a cultura americana.

Os programas de intercâmbio cultural direcionados a jovens surgiram nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Segundo Shültz<sup>11</sup>, eles tinham por objetivo “promover o entendimento entre as nações e o respeito entre povos de diferentes culturas, para cicatrizar as feridas da guerra e criar as raízes de uma futura paz mundial”<sup>12</sup>

O programa abrange jovens entre 15 e 18 anos que estão cursando o ensino médio no Brasil com bom aproveitamento escolar. Costumam ser de curta ou longa duração (seis ou doze meses) e é preciso passar por uma série de testes e entrevistas que comprovem que os jovens “suportarão” o programa.

Os programas são reconhecidos pela United States Information Agency (USIA) como “Programa de Intercâmbio Cultural” autorizado a emitir o formulário IAP-66, que dá direito aos participantes

---

<sup>10</sup> Anteriormente os consulados se concentravam em regiões portuárias, como formar de facilitar operações de importação e exportação.

<sup>11</sup> SCHÜTZ, Ricardo. *Programas de Intercâmbio Cultural para Adolescentes em Escola Secundária nos Estados Unidos*. English Made in Brazil <http://www.sk.com.br/sk-cambio.html>. Online. 20 de dezembro de 2002.

<sup>12</sup> SCHULTZ, Ricardo. Op. Cit.

qualificados de requererem o visto J-1 especial de longa duração, no Consulado ou Embaixada Americana.

Pode-se dividir as instituições que viabilizam a ida desses jovens no Brasil em dois grupos, as instituições privadas e o Rotary Clube Internacional.

Há toda uma preparação de um “cenário” para que esses adolescentes não sintam algum tipo de “choque cultural”, bem como a distância da família e de seu ambiente (cidade, amigos etc...). Tais cenários são conduzidos de maneira que o jovem adquira a oportunidade de inserção na cultura americana. Este desafio é reconhecido pois, apesar da prévia avaliação do perfil e seleção daqueles que realmente julgam-se capazes de participar do programa, e mesmo nos casos dos adolescentes mais dispostos a “enfrentarem esse desafio”, a pouca idade simboliza a insegurança frente ao desconhecido. Em geral, estes jovens não possuem exatamente uma noção do que será a experiência de estar em um local estranho e das conseqüências que isso poderá trazer, além das possíveis dificuldades de adaptação a serem enfrentadas. Os exemplos a seguir demonstram o que foi dito acima.

Amanda, 23 anos, advogada, foi para a cidade de Temple-Oklahoma e permaneceu lá de agosto de 1995 a junho de 1996. Ela interpreta sua experiência da seguinte forma:

*“Quando cheguei lá que realmente ‘caiu a ficha’. Quando liguei para casa pra dizer que eu havia chegado e que estava tudo bem, bateu aquele medo. Eu estava a quilômetros de distância da minha família e dos meus amigos. Daí pensei: eu que inventei agora vou ficar e encarar.”*

Os principais elementos desse “cenário” montado para melhor adaptação dos jovens são exatamente a convivência em família e na escola. É nestes dois ambientes em que eles terão maior contato com as pessoas e terão a experiência de viver como um americano. Há também a preocupação de que os jovens sejam colocados em cidades pequenas para que sintam menos esse impacto e o “choque cultural” de um grande centro.

Universitas - Relações Int., Brasília, v. 2, n.1, p. 201-217, jan./jun. 2004

## Os jovens brasileiros que vão aos EUA concluir ensino médio

Os motivos que levam esses jovens, ou seus pais, a se interessarem pela participação no programa de intercâmbio possuem uma íntima relação com os tipos de ação social classificados por Weber. O autor afirma que:

*“A ação social, como toda ação pode ser determinada: 1) de modo racional referente a fins; 2) de modo racional referente a valores; 3) de modo afetivo, especialmente emocional: por afetos ou estados emocionais atuais; 4) de modo tradicional: por costume arraigado.”<sup>13</sup>”*

Uma das questões que motiva esses jovens a se inscreverem para participar dos programas de intercâmbio é a possibilidade de aumento de seu poder simbólico. Trata-se de uma definição de Bourdieu que objetiva explicar como determinados integrantes de uma sociedade são detentores de um diferencial que os coloca em posição vantajosa com relação aos outros. É um poder reconhecido por todos, tanto pelos que o possuem quanto pelos desprovidos do mesmo. O capital simbólico não pode ser quantificado. Entretanto, possui o poder de colocar alguns indivíduos em posição de destaque. Segundo o autor, o capital simbólico:

*“é uma propriedade qualquer (...) que percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção que lhes permite percebê-la, conhecê-la e reconhecê-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma verdadeira força mágica...”<sup>14</sup>”*

Desde o ponto de vista dos jovens entrevistados, a "experiência no exterior" significa um aumento de capital simbólico. Trata-se de

---

<sup>13</sup> WEBER, Max, 1864- 1920. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*/ Max Weber; trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. De Gabriel Cohn, 4ª ed. –Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 15

<sup>14</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação*. Tradução de Mariza Corrêa, Campinas- SP: Papyrus, 1996. p. 44

algo adicional e diferencial obtido após a passagem de um período no exterior. O valor é agregado a todo jovem que vive essa experiência no exterior

O idioma inglês é visto como fundamental tanto pelos pais como, em alguns casos, pelos próprios estudantes. A participação em um programa de intercâmbio é vista, portanto, como uma oportunidade de consolidar o aprendizado da língua. As agências apresentam este aprendizado como uma das principais vantagens dos participantes do programa. É possível perceber que, em geral, os pais “compram” essa idéia. Além disso, os jovens que, ou por gostarem de estudar a língua e conseqüentemente desejarem ampliar seus conhecimentos, ou por não serem simpáticos às aulas, acreditam que a viagem é uma alternativa de aprendizado mais rápida.

Conviver como membro de uma sociedade diferente da de origem causa a sensação nos jovens e nos pais que incentivam seus filhos a participarem do programa de intercâmbio, a sensação de que estarão aptos a lidas em seu futuro profissional com pessoas de diferentes culturas com maior facilidade.

Quando saem daqui, os estudantes levam bastante material sobre o Brasil. Como a intenção é fazer um intercâmbio cultural os intercambistas presumem que haverá uma troca. Nos cursos e palestras preliminares são incentivados a levar CDs de músicas brasileiras, fotos e postais sobre as principais cidades brasileiras e paisagens típicas do país.

De acordo com suas visões, o principal interesse que despertavam nos americanos reside no fato de serem diferentes por serem estrangeiros e pertencerem a uma outra cultura. Em alguns casos, como o de Marina<sup>15</sup>, que residiu em uma cidade maior, as pessoas conheciam um pouco do Brasil e ela chegou a ver alguns comentando a vontade que tinham de conhecer o país. Entretanto, a maioria dos intercambistas que foram pelas agências diz que eram freqüentes as perguntas estereotipadas a respeito da moradia em árvores ou sobre as mulatas brasileiras. Parte dos americanos não

---

<sup>15</sup> Marina, 19 anos, estudante universitária de psicologia, foi para a cidade de Simvalley- Califórnia em dezembro de 2000, retornando em agosto de 2001.

conhecia o Brasil. A outra parte que conhecia não tinha muita noção de como é o país.

É comum aos entrevistados relatarem que a experiência que tiveram superaram suas expectativas iniciais, especialmente pela questão do crescimento pessoal proporcionado pelo intercâmbio.

Esta experiência é entendida como uma oportunidade de o jovem ser visto como indivíduo e não parte de uma rede de relações. Isso gera uma sensação de liberdade e de individualidade.

Os jovens relatam que o aprendizado do valor do individualismo ocorreu no momento em que precisaram “se virar sozinhos”, controlar o dinheiro, lavar suas próprias roupas, tomar iniciativa por não ter ninguém para fazer por eles. Segundo Amanda:

É uma grande experiência que todos deveriam passar porque querendo ou não você tem que crescer lá, correr atrás das coisas, se você não fizer ninguém vai fazer lá se você está em casa, precisando de alguma coisa, tem que ir atrás.

Quando chegam ao Brasil há uma dificuldade de se desvincular dos laços estabelecidos nos EUA. A maior parte dos contatos com a *host family* é realizada nos primeiros meses ou anos após o retorno, na maioria dos casos por conta da distância e da dificuldade de comunicação acaba por se perder quase que totalmente o contato. Porém a maioria crê que o vínculo fica por tempo indeterminado e acabam por trocar notícias e informações esporadicamente. Segundo Isabela, 23 anos graduada em Relações Internacionais, se submeteu ao programa em agosto 1996 ficando no estado do Texas até junho de 1997: “Acho que até hoje se eu mandar um e-mail para eles pedindo notícias e contando as novidades eles respondem carinhosamente”.

Alguns seguem mantendo contato com a *host family* por anos. Outros apenas por algum tempo. Entretanto, existe a crença em um tipo de vínculo permanente. Tal crença faz com que esses jovens adquiram segurança frente à possibilidade da volta. Eles entendem que, em um possível regresso aos Estados Unidos, se sentirão mais à vontade. Sentem-se aptos à adaptação no exterior e julgam ser mais fácil do que quando fizeram isso pela primeira vez.

As migrações e os fluxos de pessoas incluem diversas maneiras de idas e vindas de um país a outro. Os motivos, as circunstâncias e o

tempo de permanência são vários. Minha opção restringe-se às migrações temporárias do Brasil para os Estados Unidos, de adolescentes entre 15 e 18 anos, que viajam com o objetivo de adquirir experiência no exterior e agregar valor educacional.

Os setores mais comumente estudados no âmbito das migrações de brasileiros para os Estados Unidos são os de classes baixas que migram por razões econômicas. Estudos realizados por Gustavo Lins Ribeiro<sup>16</sup> sobre migrantes goianos que vão residir em Boston e Soraya Resende Fleischer<sup>17</sup> sobre as *housecleaners* brasileiras que vivem também na cidade de Boston serviram como minha principal referência desde o momento que optei por pesquisar as migrações de brasileiros para o exterior, ainda que dando enfoque às migrações temporárias de um outro grupo específico. Creio que é possível fazer um paralelo entre o grupo estudado por eles e o grupo que estudo aqui.

Há diferenças claras entre os dois grupos estudados, a começar pela classe social à qual pertencem. Os jovens intercambistas normalmente são de classe média ou alta, dado que os custos para participar do programa são, em média, de cinco mil dólares. Para a realidade brasileira é um custo que poucos podem pagar. Os grupos estudados por Ribeiro e Fleischer são compostos de pessoas da classe trabalhadora. A maioria possui o secundário completo e ocupava funções com baixa remuneração no Brasil, tais como empregadas domésticas, secretárias, funcionários públicos, etc. Estes saem do país em busca de melhor remuneração<sup>18</sup>.

Outro fato que os diferencia é as condições pelas quais adentram o país estrangeiro. Os estudantes entram necessariamente em situação legalizada, com visto específico e prazo pré-determinado para a permanência no país. Quanto aos trabalhadores, a maior parte deles se encontra em situação ilegal nos Estados Unidos e independente de

---

<sup>16</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. *Goiânia, Califórnia, Vulnerabilidade, Ambigüidade e Cidadania Transnacional*, in: *Cultura e Política no Mundo Contemporâneo: paisagens e passagens*/ Gustavo Lins Ribeiro. –Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. (Capítulo 9 , pag. 215-238).

<sup>17</sup> FLEISHER, Soraya Resende. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts* / Soraya Resende Fleischer- São Paulo: Annablume, 2002.

<sup>18</sup> FLEISCHER. Op. Cit. p. 37

terem intenção ou não de retornar ao Brasil, o período pelo qual residirão no exterior não pode ser previsto ou determinado.

Os estudantes secundaristas se assemelham mais aos que migram para estudar no exterior, como pesquisadores. Mas são muito mais novos e acabam por se tornar um campo bastante específico, com características próprias. São bem-vindos por parte do governo. Este declara oficialmente a importância do aprendizado de outras culturas, através da convivência entre os jovens estudantes americanos com seus correspondentes estrangeiros.

Já os trabalhadores são apoiados pelo governo americano e desejados de uma maneira não oficial. Constituem uma espécie mão de obra barata, necessários para realizar funções que os nacionais não querem exercer. Os salários pagos são altos para o padrão brasileiro, porém baixos para o padrão norte-americano. Além disso, pelo fato de se encontrarem em situação irregular, os direitos trabalhistas obrigatórios não são devidamente pagos.

Os três principais motivos apontados para a ida desses trabalhadores brasileiros para os Estados Unidos são: trabalho e renda; aquisição de bens; dignidade.<sup>19</sup>

De maneira distinta, os principais motivos apontados pelos estudantes pesquisados são: conhecimento da língua inglesa; contato com outra cultura e oportunidade de obtenção de uma vivência fora de casa. Os trabalhadores vão em busca de aumento de seu poder econômico. Os estudantes, em busca de um complemento à sua educação, ou seja, o que poderíamos entender como um aumento de seu capital simbólico<sup>20</sup>.

Apesar de todas essas diferenças e particularidades entre os dois grupos, ainda há um fato em comum que merece uma reflexão. Trata-se do fato de ambos optarem majoritariamente pela ida aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos são concebidos como o mundo ideal, a terra da justiça, da liberdade, da igualdade e da tolerância. Milhões de migrantes do mundo inteiro escolhem este destino, ainda que não

---

<sup>19</sup> FLEISHER. Idem p. 43

<sup>20</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz, Bertrand Brasil: Rio de Janeiro- RJ, 1989.

dominem a língua inglesa e que sejam discriminados, eles crêem que as oportunidades oferecidas e que a vida na América serão melhores que a do país de origem. Estados Unidos são considerados uma espécie de terra prometida para os migrantes<sup>21</sup>. Isso também faz sentido para os brasileiros.

"Venha viver o sonho americano" diz o *folder* com a propaganda da Agência Central de Intercâmbio. Para os intercambistas é a oportunidade de estar lá, de passar um ano nessa terra magnânima que faz com que o seu capital simbólico aumente. A ida aos Estados Unidos lhes proporciona a ferramenta de crescimento pessoal na batalha do dia a dia, na busca de se destacar em uma sociedade competitiva. Tanto no imaginário do grupo que migra a trabalho como naquele que visa ampliar seus estudos e conhecimentos, existe o mito de os Estados Unidos serem o país das oportunidades, uma espécie de modelo do mundo ocidental.

Em ambos os grupos, a noção de rede é importante. Os trabalhadores estão organizados em distintas redes de ajuda. Esta organização fomenta a ida de outros, pois ao perceberem a existência de um contato no exterior, se sentem mais seguros e apoiados, além de já terem uma noção das dificuldades a serem enfrentadas<sup>22</sup>. No caso dos estudantes ocorre algo semelhante. Os Estados Unidos foram o primeiro país a desenvolver esse tipo de programa para estudantes secundaristas estrangeiros no mundo. Portanto, existe uma certa familiaridade por parte da população com relação à convivência com esses estudantes estrangeiros. Isso faz com que cada vez mais estudantes se sintam incentivados a ir para lá e, ao entrarem em contato com a experiência de outros que já foram, ou que estão indo para lá, é mais provável que optem por se estabelecerem em um país desconhecido, mas não tão desconhecido pois é grande a probabilidade de já conhecerem alguma pessoa que se submeteu ao mesmo programa para esse país.

---

<sup>21</sup> National Geographic-Brasil, setembro de 2001.

<sup>22</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. *Goiânia, Califórnia, Vulnerabilidade, Ambigüidade e Cidadania Transnacional*, in: *Cultura e Política no Mundo Contemporâneo: paisagens e passagens*/ Gustavo Lins Ribeiro. –Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. (Capítulo 9 , pag. 215-238).

Quando perguntada sobre os motivos de seu destino de viagem, Amanda afirma que: “é, tinha aquele lance antiamericano, mas era mais fácil, mais barato por isso fui para os Estados Unidos mesmo.”

Priscila<sup>23</sup> coloca que, ao voltar dos Estados Unidos, passou a respeitar, e em muitos aspectos, admirar os norte-americanos: “Eu agora respeito muito mais o povo de lá. Afinal, eles não são burros e violentos como todo mundo fala.”

Por último, uma das causas apontadas para escolha do país de destino são os custos de viagem e estada. Nos EUA, os custos do intercâmbio são mais baratos do que os encontrados em países europeus, também valorizados por estes jovens.

## Conclusão

São diversos os motivos pelos quais uma análise sobre o fenômeno de jovens que buscam agregar valor pessoal através de uma experiência no exterior, enfocando o ponto de vista de cultura e identidade, é importante para o campo das Relações Internacionais.

Quando se trata do tema cultura e das trocas culturais entre países percebe-se que há simplificação do que de fato ocorre. Nota-se um "temor" de que o mundo se torne apenas um em termos culturais dado a influência da cultura do país hegemônico em todos os outros por uma série de motivos como expansão comercial, dominação, dentre outros. Nesse sentido, são importantes as reflexões sobre interações culturais de modo a avaliar se é isso que realmente tem ocorrido. O presente estudo demonstra que há um *hibridismo*, ou seja, uma incorporação de elementos de uma outra cultura que não a de origem do indivíduo, porém não uma totalização de incorporação das características dos povos que se interagem. Dado que, conforme já foi falado, um brasileiro não deixa de ser visto como tal pela população de seu país por terem adquirido alguns hábitos semelhantes aos dos americanos no período em que estiveram morando lá, nem os americanos passam a vê-lo como um nacional quando estão lá ainda que hajam como se fosse um deles.

---

<sup>23</sup> Priscila, estudante universitária de Relações Internacionais que se submeteu ao programa de intercâmbio em julho de 2001 e retornou ao Brasil em junho de 2002.

*“Participar do intercâmbio foi muito bom, mas não sei se valeria a pena continuar morando nos EUA. Com essa experiência de morar lá, aprendi que em qualquer parte do mundo em que você estiver, se não for o seu país de origem, por mais que se esforce em agir como eles, você continuará sendo o gringo. Não tem jeito. (Antônio)<sup>24</sup>.”*

Os fluxos culturais merecem ser estudados, ainda que pontos de vista diverjam. Não necessariamente a convivência entre diferentes culturas trará “choques”, menos ainda entre civilizações como afirmou Huntington. É algo que simplesmente acontece, que envolve duas ou mais nações e que traz conseqüências para os países e principalmente para as pessoas no mundo. É algo que existe, se traz choques, se traz hibridismos ou o que quer que seja, merece ser estudado como fator existente no cenário internacional. As interações culturais são, portanto, não necessariamente fator primordial de conflitos, mas sim algo que acontece e faz parte do conjunto de ações do mundo.

É possível perceber no âmbito da globalização o fenômeno de pessoas ainda tão jovens sentindo a necessidade de adquirir esse tipo de experiência no exterior para seu crescimento pessoal.

As constantes e cada vez maiores interações entre os países do mundo fazem com que sejam necessários profissionais aptos a lidar com o diferente, com o pertencente a uma outra cultura. Impera no imaginário dos brasileiros que se submetem, ou crêem que é importante que outros se submetam, ao programa de intercâmbio que essa é a oportunidade que se tem de aprender a lidar com esse diferente e a se desvencilhar de possíveis preconceitos com relação ao desconhecido. É uma oportunidade de conhecer e de perceber que é possível lidar com aqueles que nem sempre se assemelham ao grupo ao qual os jovens pertencem caso isso seja necessário futuramente. É um fluxo de pessoas muito mais conseqüência da globalização do que causado por ela.

Se, conforme dito no início do trabalho, nota-se uma carência de abordagem das pessoas como atores no cenário internacional, nada

---

<sup>24</sup> Antônio, 24 anos, economista, foi para Big Spring- Texas e lá permaneceu no período entre agosto de 1995 e junho de 1996.

mais justo que tratar sobre as mesmas como ativos bem como relatar quais as suas impressões a respeito do que ocorre.

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz, Bertrand Brasil: Rio de Janeiro- RJ, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação*. Tradução de Mariza Corrêa, Campinas- SP: Papyrus,1996
- BRASIL. *MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES*  
<http://www.mre.gov.br/faq/a98%20-%20brasileiros.doc>. Acesso em 08/05/03
- CAVARZERE, Thelma Thaís. *Direito Internacional da Pessoa Humana: a circulação internacional de pessoas*. 2ª edição –Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: O Sistema de Castas e Suas Implicações/ Louis Dumont: Tradução de Carlos Alberto da Fonseca- São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1992.*
- EMBAIXADA AMERICANA NO BRASIL – desenvolvido pela Embaixada Americana no Brasil. Apresenta informações a respeito da entrada de estudantes interessados em estudar nos Estados Unidos. Disponível em <http://www.embaixada-americana.org.br/?itemmenu=86&submenu=107&action=estudant.htm>. Acesso em 02 de junho de 2003.
- FLEISHER, Soraya Resende. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts / Soraya Resende Fleisher - São Paulo: Annablume, 2002.*
- GEERTZ, Clifford. *Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura, in : A Interpretação das Culturas/ Clifford Geertz – Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC, 1989.*
- HANNERZ, Ulf. *Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras chave de Antropologia Transnacional*. In Revista Mana: Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Os limites de nosso auto-retrato. Antropologia urbana e globalização. Mana*, Abril 1999, vol.5, no.1, p.149-155. ISSN 0104-9313.

Universitas - Relações Int., Brasília, v. 2, n.1, p. 201-217, jan./jun. 2004

- HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations?* , in: Foreign Affairs- summer 1993.
- \_\_\_\_\_. *O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Samuel P. Huntington: tradução M.H.C. Cortês. Rio de Janeiro: objetiva, 1996.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. *Goiânia, Califórnia, Vulnerabilidade, Ambigüidade e Cidadania Transnacional*, in: *Cultura e Política no Mundo Contemporâneo: paisagens e passagens/ Gustavo Lins Ribeiro*. –Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. (Capítulo 9 , pag. 215-238).
- SCHÜTZ, Ricardo. *Programas de Intercâmbio Cultural para Adolescentes em Escola Secundária nos Estados Unidos*. English Made in Brazil <http://www.sk.com.br/sk-cambio.html>. Online. 20 de dezembro de 2002.
- WEBER, Max, 1864- 1920. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva/ Max Weber*; trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. De Gabriel Cohn, 4ª ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.